



Mário Heleno e Angelita recebem ajuda e conforto de voluntárias do Movimento de Apoio ao Canceroso que atuam no Hospital de Base - donas-de-casa que se tornam verdadeiras missionárias

VOLUNTÁRIAS, ANJOS DO AMOR

Há sete meses, Angelita Ferreira Alves, 31 anos, e o marido, Mário Heleno Alves da Silva, enfrentam ônibus lotado todos os dias de Brasília ao Hospital de Base de Brasília (HBB). Chegam cedo ao ambulatório de quimioterapia do Hospital, onde Angelita recebe doses altas de medicação para combater o avanço da leucemia. O sorriso no rosto da mãe de três filhos surge logo cedo. É quando as voluntárias do Movimento de Apoio ao Canceroso (MAC) percorrem as enfermarias empurrando bandejas com chá, café, biscoitos, pães e bolos.

Vivânia, Waldemira, Cleusa e Adelma são donas de casa, mas têm algo em comum: semanalmente, dedicam manhãs e tardes ao trabalho como voluntárias na entidade, que conta com 107 integrantes, a maioria mulheres. Vivânia de Castro Brandão, mãe de três adolescentes, perdeu vários parentes vítimas de câncer. Passou pela Pastoral da Saúde e há três anos faz parte da equipe do MAC.

O chá do amor é distribuído, com todo carinho, aos pacientes da quimioterapia e da radioterapia, às quintas-feiras.

A colega Waldemira Oliveira dos Santos, 61 anos, prepara cuidadosamente a garrafa de três litros de chá e o bolo. Ajeita os biscoitos na caixa e entra no ônibus, no Setor O, Ceilândia. Antes, assiste à missa. Ela não reclama do peso das sacolas. Serve o lanche matinal - aguardado com ansiedade pelos pacientes -, conversa e conta histórias bonitas.

Cleusa Batista da Rocha, 47 anos, conhece como poucos o drama das pessoas acometidas pela doença. Doze anos atrás, foi praticamente desenganada pelos médicos. Sofria de câncer de colo do útero. Após o diagnóstico de 17 profissionais, teve esperança em uma consulta com o médico Paulo Roberto Bonfim, no Hospital Materno-Infantil (HMIB). Finalmente sentiu que poderia vencer a doença e tinha chances de cura.

Completamente curada, a goiana de Anápolis, mãe de três filhos, ini-

ciou o voluntariado no MAC. Faz o lanche em casa e distribui as guloseimas para homens, mulheres e crianças internados. Nas conversas, ela sempre fala da situação difícil que enfrentou. Dá o próprio testemunho e, nesse trabalho envolvente, consegue conquistar o coração de quem andava desiludido. "O voluntariado de câncer é muito doloroso. É preciso estar disposto a contar a história e deixar mensagens de otimismo. O mais importante é ser assíduo e fazer tudo de coração aberto", conta.

Angelita, uma das pacientes da quimioterapia e que estava descreditada, confia no trabalho das voluntárias. Diz que seu estado de saúde melhorou bastante apenas com o carinho da equipe. "Elas conversam muito com a gente. São boas. Nos tratam como se fôssemos seus filhos. Isso é muito bom", relata.

Para a presidente do grupo, Adelma da Penha Portela, 60 anos, a resposta dos pacientes, muitos deles solitários, é a recompensa

maior de um trabalho que exige renúncia. Todos da equipe, explica Adelma, acreditam na iniciativa e não medem sacrifícios. Muitos vêm de longe, de cidades como Gama e Luziânia. Colaboram com o lanche e com o bazar. Um verdadeiro brechó, na pequena sala do MAC. Perucas, vestidos de festa, roupas bordadas com lantejoulas, sapatos de salto alto enfeitam as prateleiras. Por semana, são arrecadados quase R\$ 150, destinados à compra de medicamentos e cestas básicas para os pacientes carentes cadastrados. Somente com a compra de remédios e cestas básicas são gastos cerca de R\$ 40 mensais. Chás beneficentes e rifas também ajudam na renda do MAC.

PERFIL

Para ser voluntário, são necessários princípios básicos. É preciso conhecer a realidade, ser sensível frente à dor e aos sofrimentos, ter equilíbrio psicológico e saber lidar com sentimentos em situações de conflito. O Hospital de Base com-

porta, além do MAC, o Serviço Auxiliar de Voluntários (SAV) e a Associação dos Renais de Brasília (Arebra).

Criado há 19 anos, o SAV conta com 60 voluntários em atuação nas diversas unidades do Hospital de Base. Setores como o Pronto-Socorro e a Psiquiatria são considerados prioritários no trabalho. A equipe é responsável pelo apoio direto aos pacientes carentes nos leitos, distribui medicamentos básicos, fornece vale-transporte aos doentes em tratamento e cestas básicas.

Já a Arebra atende pacientes renais crônicos em tratamento de diálise e transplantados no Distrito Federal. A entidade contribui com a distribuição de vale-transporte e cestas básicas. Conta, ainda, com grupo de trabalho que faz plantões na sede.

SERVIÇO

MAC: 325-4687
SAV: 325-4601
Arebra: 325-5052